

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

DÍAZ-ANDREU, Margarita – *A history of archaeological tourism. Pursuing leisure and knowledge from the eighteenth century to World War II*, New York: Springer, 2020, 122 pp., ISBN 978-3-030-32075-1

http://doi.org/10.14195/1647-8657_60_8

Margarita Díaz-Andreu é uma referência incontornável no estudo da história da arqueologia, sendo autora de uma obra que, no seu conjunto, permite esclarecer várias ideias acerca do papel dos arqueólogos na construção do mundo contemporâneo. Entre os diferentes temas que tem vindo a abordar, pode ser destacada a análise da relação entre o nacionalismo e a arqueologia, do papel das mulheres na disciplina, e da formação de redes internacionais que concorreram nas dinâmicas sociais e profissionais das práticas arqueológicas. A investigação destes e outros tópicos ajuda a compreender os múltiplos atores, contextos sociais, condições históricas e geografias de poderes que foram conformando a prática arqueológica. Nesta medida, é uma investigação que tem contribuído decisivamente para a discussão da relação entre a arqueologia e os desafios do contexto histórico em que vivemos.

A propósito da compreensão da arqueologia dos dias de hoje que a investigação de M. Díaz-Andreu tem proporcionado, é de destacar o seu livro sobre a arqueologia no século XIX (DÍAZ-ANDREU 2007), no qual discute a relação da disciplina com o nacionalismo, num exercício em que esclarece a disseminação da arqueologia a uma escala global e as diferentes dimensões que a caracterizariam durante o século XX. Este seu novo livro, *A history of archaeological tourism. Pursuing leisure and knowledge from the eighteenth century to World War II*, é um exercício igualmente audacioso, no qual é explorado o papel dos arqueólogos e dos vestígios arqueológicos na emergência do turismo. Este *pequeno livro* oferece, pois, uma perspetiva genealógica das dinâmicas turísticas em que vivemos, salientado o modo como, desde o século XVIII até à 2.ª Guerra Mundial, a arqueologia se encontra em relação com determinadas ideias e práticas de produção de bens culturais que, por sua vez, viabilizam o mercado turístico; um mercado no qual o passado é um recurso de *saberes e prazeres*.

O turismo arqueológico – tema central do livro – é abordado no sentido de compreender a sua importância no processo de profissionalização da

arqueologia. Esta perspetiva não tem sido devidamente explorada no âmbito da historiografia da disciplina, sendo poucas as publicações que versam sobre este tópico. Uma situação semelhante acontece nos estudos sobre o turismo, nos quais são se encontra explicado o impacte do interesse turístico nas ruínas na prática arqueológica. A autora propõe-se, desta forma, a compreender estas relações, destacando as ruínas como um objeto de curiosidade e lazer a partir do qual se constitui o turismo arqueológico; um sector cuja emergência e consolidação tem repercussões no processo de disciplinarização, institucionalização e profissionalização da arqueologia. A leitura do capítulo introdutório [Capítulo 1] oferece uma cartografia bibliográfica acerca do tema do livro, permitindo compreender como se tem desenvolvido o estudo do turismo em geral e o ponto da situação no que diz respeito ao turismo arqueológico em particular. Tendo em conta o estado da pesquisa nestas áreas, compreende-se bem a necessidade da perspetiva de síntese proporcionada pela leitura deste livro que, organizado de um ponto de vista diacrónico, estabelece uma periodização para as principais dinâmicas históricas em que pode ser pensado o turismo arqueológico. Cada um dos capítulos aborda separadamente as singularidades históricas desses períodos, permitindo compreender o modo como a mudança das condições históricas de diferentes intervalos cronológicos proporciona a transformação de práticas arqueológicas e de turismo arqueológico.

O Capítulo 2 [From Travel to Tourism] começa por convocar um conjunto de aspetos relacionados com a ideia de viagem até finais do século XVIII. Tal exercício permite, por um lado, tecer as diferenças entre “a viagem”, uma prática que pode ser documentada em diferentes contextos histórico, e “o turismo”, cuja emergência e consolidação se faz a partir do século XVIII em associação a um tipo de viagem, o *Grand Tour*. Simultaneamente, esta viagem estava relacionada com a formação das elites europeias, desenvolvendo-se em diferentes itinerários à escala da Europa, nos quais eram contempladas visitas a ruínas arqueológicas (designadamente, da Antiguidade Clássica em Itália). As ruínas começam, deste modo, a ser concebidas enquanto locais de conhecimento e de lazer; uma representação destes lugares que seria consolidada com visitas dentro do próprio país. A vontade de conhecer as singularidades regionais dos diferentes países ganharia força durante o século XIX com o nacionalismo, a emergência da classe média e as transformações dos meios de transporte, por exemplo. O Capítulo 3 [The Early Years of Archaeological Tourism: From 1800 to 1870] problematiza esta confluência de fatores, entre os quais, a consolidação das ideias de monumento e história, no imaginário cultural de diferentes grupos sociais, funcionaria como impulso ao turismo arqueológico animado por narrativas associadas à história da nação e à história das civilizações. É neste contexto que começam a aparecer nomes de referência na indústria do turismo, como é o caso Thomas Cook. A crescente especialização e expansão do setor expressa-se na multiplicação do conjunto de produtos que oferece. Uma multiplicação que se pauta, por um lado, pela atualização constante do setor face às inovações tecnológicas que caracteri-

zam este período e, por outro lado, por uma estratégia de consolidação de um imaginário cuja geografia global é pontuada por lugares fascinantes a conhecer. Nesta complexificação, explicada no Capítulo 4 [Promoting the National Past. Archaeology and Tourism in the Late Nineteenth and Early Twentieth Centuries], as ruínas arqueológicas são apresentadas como lugares de mistério e fascínio, cuja visita permite ampliar o conhecimento obtido em contextos muito diferentes, como é o caso dos museus, das escolas ou das exposições universais. O turismo arqueológico foi, deste modo, solidificando o seu peso na indústria do lazer enquanto um serviço que possibilita a experiência de uma visita a locais intemporais.

A leitura dos Capítulos 3 e 4 permite, então, compreender o modo como o turismo arqueológico acompanha a velocidade acelerada do século XIX, permitindo a interiorização e a experiência de um mundo à escala global. Para tal concorrem diferentes condições, desde uma renovação profunda da tecnologia à formação de grupos económicos e financeiros internacionais, que têm como fundo um cenário político pautado por diferentes formas de nacionalismo, colonialismo e imperialismo, e uma dinâmica social que multiplica classes médias com diferentes poderes de compra e gostos culturais. O Capítulo 5 [Archaeological Tourism From the Great War to the End of World War II] versa sobre o modo como o turismo cultural respondeu a diferentes momentos de falência e de recombinação das forças sociais, políticas e financeiras durante a primeira metade do século XX. Recombinações das quais resultariam fenómenos muito distintos (uma maior legislação sobre o património, a introdução de períodos de férias pagas nos direitos dos trabalhadores, por exemplo) que, na sua aparente disparidade, convergem no sentido de consolidar o setor do turismo. Entre os impactes da euforia dos anos 20, da crise financeira, dos regimes ditatoriais e da 2.^a Guerra Mundial, foi-se assistindo às transformações de um setor que foi dando diferentes respostas e alargando/diversificando os seus produtos e consumidores, até começar a apresentar as primeiras manifestações de um turismo de massas; expresso não só no número de visitantes, mas também na necessidade de se refazer a espacialidade das ruínas para permitir a sua visita e manutenção. Estas respostas do turismo arqueológico variam consoante o contexto político, estando o capítulo organizado em diferentes secções no sentido de demonstrar essa variabilidade. Esta organização, que está também presente nos outros capítulos, permite ao leitor compreender bem a diversidade e particularidade das dinâmicas dos diferentes contextos históricos abordados pela autora. Esta estruturação interna dos capítulos facilita a leitura livro e prepara o leitor para o capítulo final, onde são apresentadas as linhas de força que marcarão o turismo arqueológico após a 2.^a Guerra Mundial e os dias de hoje.

A discussão das dinâmicas do turismo arqueológico no pós-guerra é, como refere a autora, o assunto de um outro livro, no qual será necessário atender a diferentes aspetos, como é exemplo a ação da UNESCO, o fim da Guerra Fria, a luta pelos direitos de comunidades indígenas e locais ou o diálogo entre

dinâmicas neoliberais e práticas culturais (p. 121). Porém, se é certo que falta a discussão da emergência de um conjunto de instituições e comportamentos que definem o turismo cultural dos dias de hoje, a leitura deste livro oferece uma perspetiva singular das raízes dos desafios partilhados por quem trabalha, direta ou indiretamente, com o turismo arqueológico. Desafios que passam pela necessidade de pensar em alternativas à hegemonia de determinadas políticas patrimoniais e práticas de consumo de bens culturais. Neste sentido, este livro de Margarita Díaz-Andreu permite repensar as importantes reflexões de Marc Guillaume (2003) sobre o modo como o património tem sido um objeto de normalização de comportamentos ou os estudos de John Urry (2002) sobre a importância do turismo nas possibilidades de subjetivação na sociedade contemporânea, por exemplo.

Este livro permite também compreender melhor um conjunto de questões relacionadas especificamente com o papel dos arqueólogos e os desafios da arqueologia no mundo contemporâneo. A este propósito, é de referir a análise de Lynn Meskell (2018) sobre o papel da UNESCO e de outras instituições na configuração de fenómenos de exclusão que são gerados a partir das ruínas arqueológicas. Esta genealogia do turismo arqueológico avançada por Margarita Díaz-Andreu, dando ênfase a diferentes dimensões da prática arqueológica, permite também situar historicamente um conjunto de reflexões que procuram o sentido público da prática arqueológica (MOSHENSKA, 2017). Um sentido que visa enfatizar o papel de mediador dos arqueólogos em diferentes contextos políticos, sociais e culturais; uma mediação que permite à arqueologia ser uma prática comprometida na promoção de políticas mais inclusivas (e.g. DÍAZ-ANDREU, PASTOR e RUIZ, 2016; HOLTORF, PANTAZATOS e SCARRE, 2018; IRELAND e SCHOFIELD, 2015). Nesta reorientação da prática arqueológica, o turismo arqueológico pode ser questionado não só como uma atividade na qual as ruínas são espaços de conhecimento e lazer, mas locais de mediação de memórias e identidades. Um trabalho de mediação onde podem ser lançadas as condições para uma maior justiça e bem-estar social.

BIBLIOGRAFIA

- DÍAZ-ANDREU, M. (2007) – *A world history of nineteenth-century archaeology. Nationalism, colonialism and the past*, Oxford: Oxford University Press.
- DÍAZ-ANDREU, M.; PASTOR, A. and RUIZ, A. (eds.) (2016) – *Arqueología y comunidad: el valor social del patrimonio arqueológico en el siglo XXI*, Madrid: JAS Arqueología.
- GUILLAUME, M. (2003) – *A Política do Património*, Porto: Campo das Letras.
- HOLTORF, C.; PANTAZATOS, A.; SCARRE, G. (eds) (2018) – *Cultural Heritage, Ethics and Contemporary Migrations*, London: Routledge.
- IRELAND, T.; SCHOFIELD, J. (eds) (2015) – *The Ethics of Cultural Heritage*, New York: Springer.

MESKELL, Lynn (2018) – *A Future in Ruins: UNESCO, World Heritage, and the Dream of Peace*, Oxford: Oxford University Press.

MOSHENSKA, G. (ed.) (2017) – *Key Concepts in Public Archaeology*, London: UCL Press.

URRY, J. (2002) – *The tourist gaze* (2nd ed.), London: Sage.

Sérgio Alexandre da Rocha Gomes
Universidade de Coimbra, CEAACP
sergio.gomes@uc.pt
<https://orcid.org/0000-0002-7990-9246>